

# Secretaria de Cultura concentra atividades da Fundação Cultural

Danielle Romani  
de Brasília

Uma estrutura velha, arcaica, ultrapassada, criada na década de 60, que tolhia a rapidez nas decisões e engessava ações na área. Assim, a Secretária de Cultura, Luiza Dornas e seus diretores, definem a velha Fundação Cultural, criada em 1966 e atrelada a secretaria desde a criação da pasta em 1986.

"Era uma superposição de atividades, muita gente fazendo a mesma coisa, sem contar que não se podia usar um carro, tirar uma xerox, e sem falar, ainda, na disputa por poder que existia, muitas vezes, entre o secretário e o presidente da Fundação", disse Luiza Dornas, que foi presidente da entidade extinta — no segundo governo Joaquim Roriz — e sua funcionária durante 24 anos.

De fato, a fusão de atividades entre os dois órgãos, aparentemente traz benefícios para o setor cultural. Com o remanejamento de funcionários, Dornas passou a contar com um contingente dobrado de pessoal, que foi redistribuído em novas atribuições. "Antes, era tão absurdo, que 1/3 dos cargos existentes nas duas casas tinham a mesma função", disse a secretária.

Com a reestruturação de pessoal a secretária conta agora com 11 unidades orgânicas, como são chamados os órgãos vinculados, e com um suporte mais estruturado. Nas mudanças, o Espaço 508, na Asa Sul, que não tinha estrutura oficial, apenas funcionários emprestados de outros lugares, passa a contar com duas dezenas de pessoas, divididas em área administrativa e seis setores, que abrangem artes cênicas, música, cinema e vídeo, literatura e artes plásticas. O Teatro Nacional Cláudio Santoro também saiu ganhando: manteve todos os cargos e criou seis novas diretorias, além de um diretor artístico, cargo até então inexistente. "Agora, vamos poder cobrar responsabilidades pela iluminação, cenografia, luz, som, palco, antes não havia essa especificidade", comemorava a diretora do depar-



Luiza Dornas

tamento de Administração, Maria Graça Farias.

O Pólo de Cinema, que era apenas um programa, com uma sala e uma diretoria, também teve seu poder de fogo ampliado. Com a extinção, não apenas o salário do diretor foi aumentado, como ele passará a contar com uma equipe de 15 pessoas, entre as quais um técnico responsável exclusivamente pela manutenção do material cinematográfico.

Na Orquestra do Distrito Federal haverá concurso para contratação de 54 músicos, e o salário do maestro foi dobrado: quem ocupar o cargo terá elevação salarial de 100%, passando a receber em torno de R\$ 4 mil. O Departamento de Bibliotecas, que contava com 7 pessoas, passará a ter um quadro mínimo de 25. Também foi criada uma gerência de espaços culturais, e reformado o departamento de promoções, que agora cuidará de toda a pauta cultural do GDF, com pessoal específico para cada área.

O Departamento do Patrimônio Histórico, vai virar gerência de espaços culturais, controlando o Museu dos Povos Indígenas, o Museu da Memória Candanga, e o Espaço Três Poderes, que reunirá o Panteão, o museu Lúcio Costa e o museusinho. Quanto ao Museu de Arte de Brasília, em reforma há um ano e sete meses, poucas novidades: houve aumento na gratificação da diretora, mas não há nada de concreto quanto a sua reestruturação e transferência do acervo de 906 obras de arte, que desde o fechamento da instituição, estão depositadas em camarins do Teatro Nacional.